

CULTURA ESPETÁCULO – A Dissonância Entre A Interculturalidade Da Sociedade Pós-Moderna E A Cobertura Jornalística Das Editorias De Cultura Em Brasília¹

Amanda Caroline RODRIGUES²

Hugo STUDART³

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Este trabalho visa tecer uma análise de conteúdo das editorias de Cultura nos dois principais jornais da capital, Correio Braziliense e Jornal de Brasília, através da catalogação segmentada das matérias publicadas. O que se observa da análise é que os veículos priorizam a cobertura internacional e nacional em detrimento da cultura local. Também preferem o erudito e a cultura pop, relegando as manifestações populares a mero folclore. Por fim, priorizam a cobertura feita sobre shows de artistas consagrados, transformando, assim, o conteúdo jornalístico em mera publicidade. O diálogo teórico dar-se-á com três pensadores dos Estudos da Cultura, C. Geertz, S. Hall e H. Bhabha. Assim, buscamos compreender como tem sido construída a cultura nos veículos de comunicação de Brasília, catalogando diferentes manifestações e erigindo simbolicamente o imaginário cultural da comunidade a qual circunda.

Palavras-chave: cultura; identidade; cobertura jornalística;

Afinal, o que é cultura?

Desde que, nos primórdios do Iluminismo, John Locke apresentou seu projeto humanista e civilizatório fundamentado na ideia de superioridade filosófica e cultural de uns povos sobre os outros, pelo menos no Ocidente, o conceito de cultura vem guardando uma intrínseca relação com os hábitos da aristocracia, relegando todas as demais manifestações no interior das sociedades civilizadas a disciplinas outras, denominadas folclore, ou antropologia social, ou história das tradições populares.

Locke chegou a propor a imposição de uma língua homogeneizada, que permitisse a difusão das “verdades universais” a todos os seres humanos⁴. “Verdades” eurocêntricas, um projeto universalista que foi apropriado por sucessivas cartas semânticas – iluminismo, colonialismo, liberalismo e marxismo – ao longo dos últimos 300 anos.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior– XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília -UCB, email: amanda.rodrigues.ucb@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor-Dr. Hugo Studart, do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília-UCB, email: studart@studart.blog.br

⁴ *Apud*: SOUSA, 2010.

O resultado disso é que, se manifestações culturais emergissem ou de extratos sociais “inferiores” ou “incivilizados”, segundo as cartas semânticas supracitadas, essas manifestações poderiam ser qualquer coisa, menos cultura. É relativamente recente o emprego do termo “cultura” para definir o conjunto de atitudes, crenças e códigos de valores compartilhados num determinado período histórico, reconhecendo de fato que aqueles sujeitos sociais, outrora chamados de “camadas inferiores dos povos civilizados”, possuíam cultura.

Dentre os historiadores da cultura, abrigam-se as mais diversas concepções e propostas analíticas. Tomemos então, por base, o conceito do antropólogo Clifford Geertz. Ele é um dos precursores da ideia de cultura como manifestação do conjunto de representações e de valores de uma determinada época, independente de conceitos eurocêntricos como “civilização” ou “erudição”. Geertz entende a produção cultural como teias de significados entrelaçadas pelo legado coletivo da convivência. Esse conceito para ele é essencialmente semiótico, quando as construções e expressões sociais são representadas em sua superfície, necessitando de experimentação e análise detalhada para justaposição de uma definição mais próxima da realidade.

Ele propõe que seja feita essa análise através da etnografia, e a classifica como uma “descrição densa”. Geertz alega que é necessário apoderar-se de todos os artifícios, memórias, rituais e representações integradas sobre um povo para aprender, e posteriormente descrever os hábitos daquela comunidade.

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1973. p. 13).

Trazendo a noção etnográfica para a transcrição narrativa, é possível associar à responsabilidade do comunicador essa leitura, quando concerne à comunicação social delinear uma conexão de linguagem indissociável entre o individual e coletivo. Dessa forma podemos definir a comunicação como corrente produtora (e reprodutora) de imaginários e representações sociais para a identidade cultural de uma civilização.

A compreensão de mundo e conhecimento de uma pessoa é moldada por toda informação que com ela interage, como se houvesse entre o sujeito e o meio um intercâmbio, um filtro quase imperceptível de tão óbvio, denominado informação. Essa relação entre o indivíduo e os estímulos externos que lhe moldam o ser, provoca a

identificação de sua individualidade. Um único homem representando a indivisibilidade da última partícula social, que no coletivo chamamos de humanidade.

Talvez seja por isso a importância de estudar culturalmente uma sociedade. Cultura pode ser definida assim, como a relação entre as múltiplas individualidades que comportam a vida social, e quando agrupadas desencadeiam uma identidade heterogênea daqueles indivíduos, denominada identidade cultural de um povo.

Identities moldadas pela interação comunicacional

Um dos mais reconhecidos estudiosos do processo de construção das identidades, Stuart Hall lembra que um dos grandes “descentramentos” no pensamento ocidental do século XX vem da descoberta do inconsciente de Freud. Ele lembra a teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, “que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão, arrasa com o sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o ‘penso, logo existo’ do sujeito de Descartes”⁵.

Esse aspecto do trabalho de Freud tem tido também um profundo impacto sobre o pensamento moderno nas três últimas décadas. (...) Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em relação com os outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas⁶. (Grifo meu)

Hall apresenta a ideia do “sujeito sociológico” que, “um tanto interativo, sofre as mudanças culturais (contatos pessoais; acontecimentos sociais), recebendo influência de valores, sentidos e símbolos”⁷. E citando Marx e Giddens, dentre outros, Hall toma emprestado o conceito de “deslocamento do discurso” de Ernest Laclau, para propor o conceito do “descentramento do sujeito”, cuja identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Stuart Hall atribui ao processo de globalização a responsabilidade para a produção das múltiplas identidades. No que tange os fenômenos culturais contemporâneos essa

⁵ *Apud*: Hall. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, pág. 36.

⁶ *Idem*, pág. 37.

⁷ *Idem*, *ibidem*.

mudança é conferida ao constante contato com diferentes culturas, quando o processo de espaço e local foi ressignificado pelos meios de comunicação. Também é conceituada a noção de pertencimento a certa *nacionalidade* para formação da identidade cultural moderna, no homem dotado da razão consciência e ação. Esse indivíduo social vive uma espécie de “crise de identidade” através do processo de globalização, e como ela está proporcionando a descentralização do sujeito pós-moderno.⁸

O sujeito possui variadas identidades, contraditórias até, dentro de si, que o leva a se deslocar. A unificação da entidade, no caso, seria uma ‘fantasia’, já que o sujeito busca se amoldar e se reorganizar a medida dos acontecimentos, sendo temporal, sofrendo a multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, em um misto frenético de influências. O sujeito não traz em si definições, pois a todo o momento é modificado, levando-o, assim, a assumir, diferentes identidades⁹. (Grifo meu)

Em uma de suas mais célebres observações, Marx escreveu que os “homens fazem história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas”¹⁰. Stuart Hall lembra que os intérpretes do marxismo tendem a explicar tal assertiva no sentido de que os indivíduos não poderiam ser os “autores” ou os “agentes” da história, uma vez que eles poderiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores¹¹.

Também no campo das representações, a percepção do que é compreendido como verdade é feita através da positivação de uma realidade construída historicamente, e determina a informação como um instrumento imperativo para a reprodução ideológica herdada.

A representação que temos de algo não está diretamente relacionada à nossa maneira de pensar e, contrariamente, porque nossa maneira de pensar e o que pensamos depende de tais representações, isto é, no fato de que nós temos ou não temos dada representação. Eu quero dizer que elas são impostas sobre nós, transmitidas, e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo, e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente. (Moscovici, 2003, pg. 37)

⁸ *Idem*, p. 22

⁹ *Idem*, págs. 68 e 69.

¹⁰ *Idem*, p. 34.

¹¹ *Idem*, *ibidem*.

Essa memória coletiva citada por Moscovici é receptada como cultural pela sociedade em que pertence, e apesar de manter a mesma lógica de reprodução, está em constante adaptação.

O Local da Cultura

Tomemos, ainda, os conceitos do anglo-indiano Hommi Bhabha. Para ele, existe um “local da cultura” determinado às sociedades, local de encontro e de convivência de uma multidão de fragmentos étnicos, linguísticos e culturais¹². De acordo com o pensamento de Bhabha, as diferentes culturas ficam se digladiando, alguns se impondo e deixando seus valores disseminados, outros, resistindo. Bhabha chama de “entre-lugar” esse local onde ocorre um choque cultural permanente, onde as diferentes culturas disputam seus espaços, sem, contudo, jamais haver total hegemonia¹³.

Com o conceito do “entre-lugar”, Bhabha quebra a ideia antropológica da aculturação, coisa passiva, como também quebra historicamente o conceito de dominantes e dominados para chegar ao que Mikhail Bakhtin define por “circularidade cultural”. Esses entre-lugares fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade, de acordo com Bhabha.

Contudo, segundo o conceito de Bhabha, seria um entre-lugar, local onde diferentes culturas ficam dialogando ou se digladiando, com algumas se impondo e deixando seus valores disseminados, outras resistindo, mas sem nunca haver uma completa hegemonia de um grupo sobre o outro.

Análise de conteúdo: O que as editorias de Cultura noticiam?

Com a interdisciplinaridade de coberturas jornalísticas, os jornais disponibilizam em caderno específico manifestações culturais e entretenimento aos leitores. Para isso a abordagem do conteúdo difere muito de outros cadernos, como política ou cidades, que produzem uma notícia factual por exemplo.

¹² Homi Bhabha. O Local da Cultura.

¹³ Homi Bhabha. *O Local da Cultura. Op. cit.*

Buscando trazer para análise o termo epistemológico das ciências culturais, propomos avaliar aqui qual conteúdo os dois maiores jornais do Distrito Federal apresentam como cobertura cultural. Dois cadernos editoriais com o mesmo fim, mas coberturas totalmente dissonantes, enquanto uma visa acontecimentos locais, a outra prioriza acontecimentos internacionais.

Para isso, foi necessário avaliar 70 matérias publicadas no Correio Braziliense e 45 do Jornal de Brasília entre os dias 06 e 12 de julho de 2015. A classificação proposta foi de separar em três categorias territoriais e três subcategorias culturais. As categorias territoriais delimitam o espaço na cobertura feita pelo jornal como:

- 1) Cobertura local;
- 2) Cobertura nacional;
- 3) Cobertura internacional.

Já as subcategorias são compostas de forma classificatória pelo acesso a cultura determinada pela classe social que a atrai. Agruparemos como:

- i) Eruditas - exposições, teatros, orquestras, concertos;
- ii) Intermediárias - rock, MPB, espetáculos de comédia filmes e séries;
- iii) Populares - folclórica, músicas sertanejas, saraus, manifestações urbanas, entre outros.

Apresentando em dados e percentuais, esses valores podem ultrapassar a margem de 100% por estarem interconectados ora ou outra (como a teoria dos conjuntos na matemática). Os gráficos abaixo servirão para ilustrar como é feita a cobertura com as categorias e subcategorias apresentadas.

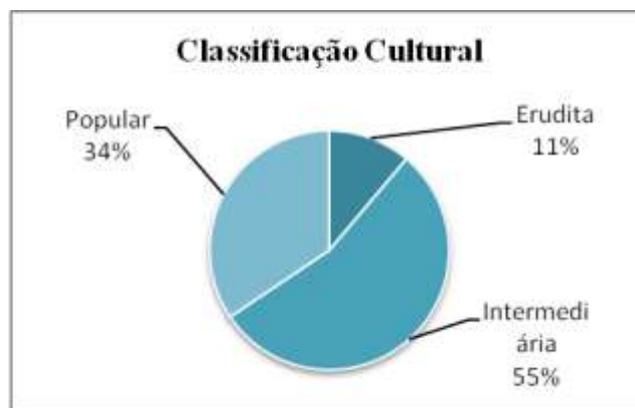
Correio Braziliense: 70 Matérias

Trata-se do jornal de maior circulação da capital -- e também o mais antigo. Eis o resultado da pesquisa e suas conclusões:

Gráfico I



Gráfico II



Na cobertura de cultura feita pelo Jornal Correio Braziliense, há uma ruptura significativa com a cobertura local. Voltado muito mais para o entretenimento e pouco para a agenda cultural do Distrito Federal, o maior foco do veículo são acontecimentos internacionais.

São as fotos da Rihanna tomando sol com biquíni curto demais, ou a imagem postada pelo Justin Bieber no seu perfil do *instagram* em que ele aparece com as nádegas de fora que ilustram a cobertura internacional feita pelo caderno cultural do Correio. Muita informação sobre o que acontece em *Hollywood*, ou no mundo das celebridades, mas pouca cobertura sobre a cultura que está sendo produzida em Brasília, sobretudo no Distrito Federal. Esse perfil de fazer comunicação alimenta leitores do veículo com acontecimentos longínquos a nível territorial, e pouco explora a produção “da casa”. Em outras palavras, muito global e quase nada local.

Outro exemplo que podemos apresentar no segundo dia de análise (07/07/15) foi do Croata naturalizado americano, Zvonimir Hacko. O próprio jornal apresenta o currículo do maestro e sua ilustre participação à frente da orquestra sinfônica brasileira como

convidado, enredo que ilustra a amizade entre Brasil-EUA, indo desde clássicos do século XIX até músicas contemporâneas. Mesmo dando destaque para a presença de Hacko na capital, pouco foi explorado de seu conhecimento artístico.

Algumas falas do Maestro mostraram pouco sobre sua vida artística, e um resumo curricular fechou a importância dada à presença de Hacko no Distrito Federal. Como entrar na alma do artista quando suas observações são feitas entre aspas de forma que case com o conteúdo escrito? Uma entrevista estaria aproximando muito mais os amantes da música clássica com o mestre americano Zvonimir Hacko do que o currículo grafado no rodapé da notícia.

A cobertura nacional também se sobressai aos acontecimentos locais nas matérias do Correio, como a notícia publicada no dia 09/07/15. Este dia o jornal fez uma lista de férias, com as grandes atrações que estiveram presentes na capital durante o mês de julho. O Cantor Saulo, ex-vocalista da banda EVA foi destaque porque estava de passagem por Brasília para estréia da turnê do seu novo álbum Baiuno, mas não mereceu mais que duas linhas de espaço no jornal. Saulo comporta um público que aqui classificamos entre intermediário a popular, é um cantor conhecido nacionalmente, que agrada principalmente os jovens, grandes consumidores dessa cultura de entretenimento como shows e festas. Por algum critério não informado, ele não mereceu uma entrevista exclusiva para falar de seu trabalho, porque escolheu Brasília para estreitar sua turnê, quanto tempo de esforço e dedicação empreendeu a esta obra, ou qualquer outra pergunta que interesse os fãs de Saulo.

Economia de apuração, cobertura de serviço e quase toda fundamentação da informação baseada em *press release*. Esses poucos exemplos nos mostram que está cada vez mais pobre a “cultura” oferecida nas editorias de jornal. Poucas, pouquíssimas entrevistas compreendem essa análise de uma semana, e as informações sustentam-se na superficialidade do que alguém achou que seria mais relevante.

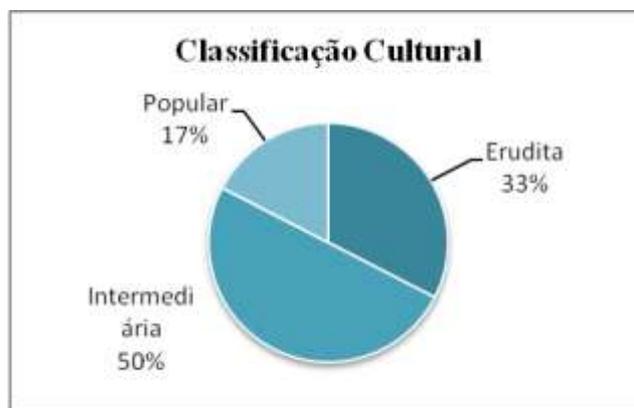
Jornal de Brasília: 45 Matérias

Observaremos agora o que difere o Jornal de Brasília do Correio, em valor-notícia e cobertura jornalística sobre o que é representado como Cultural.

Gráfico III



Gráfico IV



O Primeiro gráfico exemplifica como a editoria de cultura do Jornal de Brasília é voltada para a agenda cultural do Distrito Federal. As matérias comportam apresentações teatrais disponíveis nos diferentes teatros da capital, atividades para crianças no período de férias, exposições, festivais, danças, shows, feirinhas e também variedades gastronômicas. O caderno executa a função de proporcionar um itinerante para entretenimento dos mais variados gostos e públicos, pouco destaque é dado na cobertura nacional e internacional.

O segundo gráfico é mais igualitário em percentual, mas não muda um fato: a cultura dividida entre o clássico e popular, erudito e folclórico, o sagrado e profano. Apesar de 50% estar sendo ocupado por gostos e programações intermediárias, existe um distanciamento de valores e símbolos atribuídos as culturas.

As matérias classificadas como populares apresentam uma programação de festivais, saraus e teatros de ruas e shows de sertanejo universitário. Também está inserida nessa categoria músicas que comportam o gosto da maioria da população brasiliense essencialmente nordestina, como o encontro de viola e tributo a Luiz Gonzaga Jr., o Gonzaguinha.

Na parte erudita, a construção narrativa difere. Voltada para a sensibilidade artística, foram apresentadas matérias sobre apresentação da Companhia de Ballet Russa, Concerto da Orquestra Sinfônica, exposições plásticas, fotográficas e mostras cinematográficas nos grandes teatros e centros culturais localizados no coração do DF, como o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e a Caixa Cultural, da Caixa Econômica Federal.

Nota-se que além da publicitação dos eventos mesmo fazendo referência a cobertura local, o jornal disponibiliza pouco espaço para a manifestação popular e comunitária dos acontecimentos nas periferias do Distrito Federal. Apesar das múltiplas interações culturais moldarem a identidade criativa do DF, esse reconhecimento da “identidade própria” ainda é tímido nas manifestações intersociais, trazendo a cultura “de fora” para representar o contato com a cultura e produção artística.

Barbero¹⁴ critica a relação instrumental e doutrinadora entre a comunicação e a cultura. Para ele essa relação minimiza a natureza comunicativa da interação nos processos de estruturação cultural, produzido através do intercâmbio de símbolos e sentidos.

O desconhecimento do sentido antropológico dessa reação levou à proposta de comunicação puramente conteudista da cultura-tema para divulgação nos meios de comunicação, e a uma política meramente difusionista da comunicação como simples instrumento de propagação cultural. Existem, entretanto, outros instrumentos de comunicação que, tanto a partir da pesquisa quanto da experiência dos movimentos culturais, convergem para o reconhecimento da competência comunicativa das comunidades e para a natureza negociada, transnacional, da comunicação. Nessa perspectiva a comunicação da cultura depende menos da quantidade de informação circulante do que da capacidade de apropriação que ela mobiliza, isto é, da ativação da competência cultural das comunidades. Comunicação significará então colocação em comum da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro. O *comunicador* deixa, portanto de figurar como *intermediário* – aquele que se instala na divisão social e, em vez de trabalhar para abolir as barreiras que reforçam a exclusão, defende seu ofício: uma comunicação na qual os emissores-criadores continuem sendo uma pequena elite e as maiorias continuem sendo meros receptores e espectadores resignados – para assumir o papel de *mediador*: aquele que torna explícita a relação entre diferença cultural, desigualdade social, entre diferença e ocasião de domínio e a partir daí trabalha para fazer possível uma comunicação que diminua o espaço das exclusões ao aumentar mais o número de emissores e criadores do que o dos mero consumidores. (BARBERO, 2003, p. 68-69)

Conclusão

¹⁴ BARBERO, 2003, p. 68

Com esse relativismo axiológico da informação nas editorias culturais, e mediante ao caráter processual da comunicação, essa construção do território simbólico da oralidade, visualidade, gestualidade torna-se fator imperativo para a teia de significados imagéticos, jornalísticos a cobertura cultural do Distrito Federal feita pelos dois jornais estudados.

A quem ela é direcionada? Existe espaço para a valorização da produção local nos jornais do Distrito Federal? E esses grupos, personagens e coletivos emergentes, recebem da mídia alguma notoriedade? Fica o questionamento sobre como deve ser feita uma cobertura jornalística na editoria de cultura, de qual o valor-notícia pautado pelo jornal e apresentado a sociedade, e se essa sociedade sente-se respaldada nas representações culturais, simbólicas e imagéticas da identidade cultural do Distrito Federal, ainda pouco exploradas pelos mediadores da informação.

As duas coberturas feitas estão em dissonância com os conceitos de interculturalidade apresentados por Geertz, Hall e Bhabha, mas principalmente a realizada pelo maior jornal da capital. Quando o Correio Braziliense prioriza os acontecimentos internacionais pelos nacionais ou locais, o *mediador* afastada da sociedade sua própria identidade, o que molda e representa suas imagens, símbolos e tradições.

No que concerne ao papel do jornalismo como provedor de informação com profundidade, essa cobertura supérflua põe em debate o que representa “fazer comunicação” nas editorias de cultura do Distrito Federal. Priorizar fofocas *hollywoodianas* a cobrir toda a riqueza de produção artística que existe nas 28 regiões administrativas do Distrito Federal, que carece de investimento e notoriedade para crescer ilustra o quão pobre e patética está à produção de informação cultural, e a quem essa cultura pobre de conteúdo representa. Pra não dizer que não falou do popular, uma matéria fala sobre teatro popular na Ceilândia, região administrativa situada a quase 35 quilômetros de Brasília. Ainda assim, a cultura popular local permanece servindo de instrumento de resistência na interposição de sentidos e representações artísticas, de fazer e valorizar suas identidades e ir contra a imposição hegemônica da cultura internacional.

Referências

- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
Correio Braziliense. **DIVERSÃO e Arte**. Disponível em: < <http://goo.gl/mkQ38p> >. Acesso em 19 de julho. 2015.
GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13ª Ed. Reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Jornal de Brasília. **CLICA Brasília**. Disponível em: < <http://goo.gl/LnJXa0> >. Acesso em 19 de julho. 2015.

MORAES, Denis de. (org.). **Por uma outra comunicação: Mídia, Mundialização cultural e poder**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SOUZA, Lynn Mário T. Menezes de. **“Cultura, língua e emergência dialógica”**. Revista *Letras & Letras*, Uberlândia, MG, Vol. 26, nº 2, págs. 289-306, Jul-Dez 2010.